



Interdisciplinary

LINKSCIENCEPLACE

DOI: 10.17115

ISSN: 2358-8411

Scientific Journal



Interdisciplinary Scientific Journal. ISSN: 2358-8411

Nº 5, volume 6, article nº 10, May 2019

D.O.I: <http://dx.doi.org/10.17115/2358-8411/v6n5a10>

Accepted: 10/12/2018 Published: 30/05/2019

I SEMINÁRIO DE SAÚDE MENTAL DO NORTE E NOROESTE FLUMINENSE
– 27 A 30 DE NOVEMBRO DE 2018 – CAMPOS DOS GOYTACAZES - RJ

A IDENTIFICAÇÃO NUM CASO DE INIBIÇÃO INFANTIL E A FUNÇÃO DO TRAÇO UNÁRIO NA DIREÇÃO DO TRATAMENTO

Felipe Nunes de Lima¹

Mestre em Teoria Psicanalítica

Abstract

In the essay *Inhibitions, Symptoms and Anxiety* Freud highlights the inhibition as a kind of defense against anxiety, emphasizing the alterations of the Ego in this process. Taking this reference, this paper approaches the theme of inhibition from a clinical case of a child, in the search to demonstrate the reasons which lead the patient to present such clinical conditions. We still aim to expose the possibilities of treatment that showed up during the period in which the analysis took place, taking into consideration the particularities of child psychoanalysis. Based on Freud's and Lacan's studies, and through fragments of the case report, it was possible to point out the identification as a determining mechanism of the alterations of the Ego. We also noticed that the patient's inhibition was a result of a pathological mourning, in which the identification played a fundamental role. Furthermore, we observed the importance of the unary trait in the patient's healing process, as it was through the recover the traits of the lost object that the patient was able to deal with the object *a*, thus reactivating the wish's movement.

Keywords: inhibition; identification; unary trait; child psychoanalysis

Resumo

No ensaio *Inibição, Sintoma e Angústia* Freud destaca a inibição como modalidade defensiva frente a angústia, ressaltando nesse processo uma alteração das funções do Eu. Tomando esta referência, o presente trabalho aborda o tema da inibição a partir do caso clínico de uma criança, buscando demonstrar os motivos que levaram a paciente a apresentar tal quadro. Objetivamos ainda expor as possibilidades de tratamento que se configuraram ao longo do período de análise, levando em consideração as especificidades da psicanálise com crianças. Com base nos estudos de Freud e Lacan e através de fragmentos do relato do caso foi possível apontar a identificação como mecanismo determinante das alterações do Eu. Notamos ainda que a inibição da paciente era fruto de um processo de luto

¹ Psicólogo (UFRJ); Especialista em Clínica Psicanalítica (IPUB-UFRJ); Mestre em Teoria Psicanalítica.

patológico, no qual a identificação desempenhava uma ação fundamental. Além disso, observamos a importância do papel do traço unário no processo de restabelecimento da paciente, na medida em que foi por recuperar os traços do objeto perdido que a paciente colocou em jogo a função do objeto a causa, reativando o movimento do desejo que antes estava inibido.

Palavras-chave: inibição; Identificação; traço unário; psicanálise infantil

Introdução

O presente trabalho constitui relato de um caso clínico, resultado de atendimentos realizados no Ambulatório Ampliado de Saúde Mental de Campos dos Goytacazes. Trata-se de um caso de inibição na infância, que teve início em decorrência de um processo de luto. Em nossa pesquisa – que, como apontou Freud (1912/2010), coincide com o tratamento analítico – deparamo-nos com a importância da função do traço unário tanto para a compreensão da situação clínica apresentada, quanto para a possibilidade do restabelecimento da paciente. Nesse sentido, fomos levados à discorrer o papel do traço unário no trabalho de luto, e para tal tarefa apoiamos-nos, sobretudo, nos estudos de Freud e de Lacan sobre o conceito de identificação.

Com esta pesquisa objetivamos não só demonstrar a determinação da identificação no processo de adoecimento psíquico, como também destacar a importância do tratamento psicanalítico para crianças no serviço público de saúde mental, sustentando assim a presença da psicanálise nesses dispositivos.

Começaremos com uma breve apresentação da situação clínica inicial da paciente, e prosseguiremos explicitando os pontos metapsicológicos que sustentaram nossa pesquisa. Destacamos inicialmente as especificidades do tratamento psicanalítico com crianças e a importância de não recuar diante do inconsciente também nesses casos. Em seguida, relacionamos a inibição com o trabalho de luto realizado pela paciente. Neste ponto, fomos levados à explorar o tema da identificação, enfatizando a importância do traço unário no desenrolar do tratamento e no processo de resolução do luto.

Apresentação do Caso

M é uma menina de 7 anos que chegou ao ambulatório trazida por sua mãe, que se queixa porque a filha é “muito quieta”. Inicialmente a paciente é inscrita na oficina de música do ambulatório, mas o responsável pelo trabalho com as crianças observa logo no primeiro encontro que a paciente não fala, não interage com os outros participantes, e não se envolve nas atividades propostas. A menina é então encaminhada para atendimento psicanalítico comigo. Nas primeiras sessões, M tem dificuldade em olhar para mim, e inicialmente não responde às minhas perguntas. Somente após alguma insistência, obtenho respostas suas através de acenos com a cabeça e de um sinal com a mão para indicar sua idade. Exorto-a a pegar algum dos brinquedos na sala, mas M parece fingir não me escutar. Permanece sentada, silenciosa e pouco interessada nos brinquedos. Por fim trago à mesa um jogo de varetas, e convido-a a jogar comigo. Ela mais uma vez age como se nada tivesse ouvido e quando insisto para que brinque, abaixa a cabeça. Começo então a jogar sozinho, enunciando as regras do jogo e, em seguida, narrando cada movimento que faço para retirar uma vareta do maço. M. apenas observa. Na entrevista com sua mãe fico sabendo que minha paciente sempre foi tímida, mas que sua inibição aumentou consideravelmente após a morte de sua avó, há quase dois anos. Desde então a pequena garota evita o contato com outras crianças da sua idade, não fala quando está na escola, e desenvolveu outras fobias menores, como o medo do escuro. Além disso, dado seu silêncio constante, suas colegas de escola chegaram a perguntar à sua mãe se M. era muda. Segundo a mãe afirma, a paciente fala quase que somente às pessoas da sua família, restringindo este tipo de contato à quem lhe é mais próximo.

No ensaio *Inibição, Sintoma e Angústia*, Freud (1926/2014) define a inibição como uma restrição da função normal, e afirma que pode também ser considerada como um sintoma, se surgir em decorrência de um processo patológico. Ele distingue ainda dois tipos de inibições: as específicas, quando somente uma função do Eu ou órgão são comprometidos, e as mais gerais, ligadas ao empobrecimento egoico devido a um processo que demande grande quantidade de energia psíquica, como o luto.

No caso de M, houve uma inibição específica (restrição da função social da fala) desencadeada por outra inibição mais geral proveniente do

processo de luto pela morte da avó. A queixa da mãe incide sobre a primeira, ao passo que o tratamento analítico teve de levar ambas em consideração.

Freud (1926/2014) demonstrou que a inibição específica de uma função ocorre devido à respectiva erotização desta. O que está em jogo, portanto, é a operação de uma defesa contra o desejo e o afastamento da angústia que ele traz. Segundo Freud, “a existência de um laço entre inibição e angústia não pode nos escapar por muito tempo. Várias inibições são claramente renúncias à função, pois o exercício desta produziria angústia” (1926/2014, p. 15).

M. evita interagir com o outro porque tal atividade despertaria uma angústia que funciona como um sinal de perigo para o Eu. Mas o que pode ter levado a paciente a tal estado de coisas? Por que o contato com o semelhante passou a ser tão penoso a ponto de ter que ser radicalmente evitado? Para solucionar tais questões seria preciso empreender uma investigação psíquica apesar da recusa de M. em dirigir-me a palavra.

A Psicanálise com Crianças e o Problema da Identificação no Luto

Em 1950, ao fazer referência à miséria fisiológica que acomete o homem nos primeiros meses de vida, Lacan reafirma a dependência originária do indivíduo ao meio humano. Em seguida, escreve o seguinte: “que esta dependência possa surgir como significante no indivíduo humano num estágio extremamente precoce de seu desenvolvimento [ou seja, na criança], isto não é um fato diante do qual o psicanalista deva recuar” (1998, p. 138). Peusner (2016) retoma esta frase de Lacan para lembrar da importância de não recuar da possibilidade do tratamento analítico infantil.

Enquanto a premissa lacaniana de não recuar ante a psicose é amplamente difundida no meio psicanalítico, a de não retroceder diante a criança não parece ter recebido a mesma atenção. Concordamos com Peusner e resgatamos aqui esta premissa com todas suas implicações – não recuar ante o sintoma da criança significa também não fazer resistência ao seu inconsciente e a aceitá-lo da maneira como ele se apresenta. Se por um lado M. tinha muita dificuldade de dirigir-se a mim, por outro ela não se opôs a entrar na sala comigo, e tampouco fez menção de querer sair antes que a

sessão tivesse terminado, sancionando assim a demanda de tratamento feita pela sua mãe.

Nas sessões que se seguiram, pedi que M. fizesse algum desenho, e logo apareceram os primeiros elementos de sua fala silenciosa: uma menina, uma borboleta, uma flor. Cada um dos desenhos possibilitava novos deslizamentos simbólicos por meio de minhas perguntas. Sempre com acenos de cabeça, M. me contou que gostava de borboletas, que a menina que desenhou era sua mãe, e que as flores em sua casa eram compradas por seu pai. Assim, a seu modo, a pequena analisante começava a me contar sobre o complexo de Édipo: o pai, a mãe e o desejo – todos estes elementos estavam representados no seu desenho. Através das minhas palavras, e numa espécie de jogo de adivinhação, a paciente conta sua história respondendo com meneios.

Como indica Peusner, se na clínica com os adultos a associação livre se dá via de regra pela palavra, no tratamento de crianças é preciso também considerar a importância do brincar nesse processo. A brincadeira e o desenho ocupam aqui um lugar tão importante quanto os relatos, e constituem a maneira por excelência da associação livre infantil. Cabe ao analista reconhecer nesses outros modos de fala a manifestação do inconsciente e oferecer-lhes um lugar na escuta.

Nesse sentido, as sessões com M. transcorrem assim entre desenhos e jogos, intermediados pela minha fala, e, cada a vez mais, por sorrisos e acenos da paciente. Além disso, eu recebia sua mãe com frequência, após as consultas. Com o tempo, sempre que eu atendia sua mãe, M. saía para o pátio do ambulatório e vinha espiar a conversa que estávamos tendo pelo lado de fora, através da janela. Quando eu voltava-lhe o olhar, a menina sorria escondia-se atrás da parede. Este jogo repetiu-se muitas vezes.

Numa das ocasiões em que recebi sua mãe ela me conta que perguntou à filha porque esta não falava com certas pessoas, e depois de um momento de silêncio, recebeu da menina a resposta: “É que eu sinto saudade da minha avó”. A fala da paciente ratifica a perda da avó como causa do seu sintoma. Fico sabendo então que na ocasião do velório, um dos tios de M. a ergueu e aproximou seu rosto da face do cadáver. Após me contar esse fato, a mãe questiona-se se isso poderia ter sido danoso para a

filha. Ao seguir a posição de Freud, extraímos da dúvida nossa certeza: a questão levantada indica um saber sobre a fonte do sofrimento da menina. O que M. viu ao ser erguida pelo tio sobre o caixão não foi sua avó, mas o objeto sem nenhum disfarce, sem nenhum encobrimento imaginário. Em outras palavras, minha analisante encarou não sua avó, mas a morte, o que certamente influenciou seu processo de luto.

Ao abordar a relação do luto com a inibição, Lacan (1962-3/2005) estabelece a diferença entre o objeto *a*, causa de desejo, e a imagem deste objeto, a qual chamou de *i (a)*. Observa que o primeiro é pura falta que instaura o movimento do desejo, enquanto que *i (a)* é a imagem que vem recobrir este buraco ocupado pela função da causa. Dito de outro modo, *i (a)* equivale a pessoa e/ou coisa que abriga a função do objeto *a* e que, no caso de M, era sua avó, cujos vestígios ela não encontrou no corpo estendido no caixão.

No artigo *Luto e Melancolia*, Freud (1917/2010) afirma que o luto consiste na retirada da libido do objeto perdido, num trabalho que se dá à custa de uma penosa batalha entre a realidade, que mostra que o objeto não mais existe, e o Eu que não quer abandonar seus investimentos. Há casos, contudo, em que a perda do objeto pode dar lugar à melancolia, quando o sujeito identifica-se fixamente com o objeto perdido. Embora M. não seja uma melancólica, é inegável que o trabalho de luto engendrado pela morte da avó produziu danos significativos ao psiquismo da paciente. Trata-se aí do terceiro caso apontado por Freud: o do luto patológico. Este processo guarda semelhanças com a melancolia, já que também é determinado por um impasse na identificação com o objeto perdido.

No ensaio *O Eu e o Id*, fica demonstrado que só é possível separar-se de um objeto na medida em que nos identificamos com ele, preservando-o assim dentro do Eu (Freud, 1923/2011). Em suas explorações sobre a identificação, Freud afirma que esta “se empenha em configurar o próprio Eu à semelhança daquele tomado como ‘modelo’” (1921/2011, p. 62). Assim, vemos que o que está em jogo na identificação do luto é a manutenção do investimento objetal através da libido narcísica, isto é, por meio do recolhimento da energia psíquica no próprio Eu. Disso podemos depreender que tanto o luto como a melancolia são determinados pelo processo de

identificação. No processo de luto normal, a identificação serve à separação do objeto perdido, enquanto que na melancolia e no luto patológico há uma fixação na identificação que impede a retomada do movimento da cadeia significativa, isto é, o desejo. Ocorre porém, que ao identificar-se ao objeto, o Eu sofrerá os ataques destinados àquele, parte da batalha para que o processo de luto caminhe.

Segundo Freud, no luto, “cada uma das lembranças e expectativas em que a libido se achava ligada ao objeto é enfocada e superinvestida, e em cada uma sucede o desligamento da libido.” (1917/2010 p. 174). O que está em jogo nesse trabalho é então uma separação que acontece pouco a pouco, no caminho regressivo de retorno ao Eu. Tal desligamento se dá através da atuação da pulsão de morte, que incide sobre os traços de memória liberando-os do investimento libidinal. Entretanto, no caso em questão, o que temos é uma impossibilidade de resolução da identificação, já que o caminho pelos traços do objeto encontra-se obstaculizado pela fratura imaginária que se deu com o desvelamento do objeto *a* na cena do velório. Ao percorrer as lembranças da avó falecida, M. se depara com a imagem do corpo no caixão, retrato do objeto *a* sem vida, sem recobrimento, fonte de angústia real que não permite qualquer identificação. O sujeito encontra aí a pulsão de morte em seu estado puro, por assim dizer, diante da qual o único recurso é a defesa pela inibição – uma espécie de morte em vida.

Assim, notamos a determinação deste luto patológico e a sua influência na forte inibição manifestada pela paciente. Como vimos inicialmente, a inibição encontra-se intimamente ligada angústia, e ocorre como defesa contra o desejo. Podemos compreender agora que a paciente reduziu grandemente sua atividade de fala porque o movimento metonímico pela cadeia significativa traria inevitavelmente a lembrança daquilo que M não consegue nomear, o objeto *a* desvelado, sem nenhum traço do que era sua avó. O movimento metonímico do desejo levaria a esse buraco, fonte real de angústia, e por isso precisa ser interrompido pela inibição.

Ainda em suas explorações sobre o luto, Lacan afirma que

o trabalho de luto nos parece por um prisma simultaneamente idêntico e contrário [a Freud] um trabalho feito para manter todos esses

vínculos de detalhes, na verdade, a fim de restabelecer a ligação com o verdadeiro objeto da relação, o objeto mascarado, o objeto *a* (1962-3/2005, p. 363).

Seguindo o caminho trilhado por Freud, Lacan chega à outra vertente que permite avançar sobre esse tema. De acordo com a concepção lacaniana, o fundamental no processo de luto é manutenção dos vínculos através dos quais o sujeito pode sustentar a causa de desejo, a despeito daquilo que perdeu. Para que tal tarefa se realize, é imprescindível, tal como em Freud, a constituição de traços do objeto perdido. Nesse sentido, embora pareçam contraditórias, a perspectiva de Freud e a de Lacan são, na realidade, complementares. Como indica Cruglak (1996), trata-se de que o sujeito se reencontre com a causa do desejo, num processo em que cada perda reativa a perda originária, a falta inicial.

O tratamento da pequena paciente consistiu então no trabalho de resgate dos traços que pudessem servir de suporte à função do objeto *a*, a fim de restabelecer a conexão com o de desejo que movimenta a cadeia significativa. Para isso, foi preciso constituir um campo transferencial que fosse, tanto quanto possível, livre das ameaças em virtude das quais a paciente desenvolveu sua inibição. Assim, mesmo sem verbalizar, M. expressava-se por meio de brincadeiras e desenhos, instituindo aos poucos um objeto do qual podia aproximar-se sem ser tomada pela angústia.

A instalação desse laço transferencial possibilitou que M. dirigisse os ataques ao analista, através da brincadeira com bonecos. Em quase todas as brincadeiras deste tipo, M. usava os bonecos em sua mão para bater nos que eu segurava, e em seguida me olhava com um sorriso. Estabeleceu-se assim uma via que possibilitou uma amarração da pulsão de morte através da agressividade. Podemos entender esses jogos como suporte para o desligamento da libido do objeto perdido, ao mesmo tempo em que sustentavam a função da causa de desejo desempenhada pelo objeto *a*. A brincadeira serviu assim como invólucro imaginário para o objeto *a*; um meio onde era possível recuperar os traços do objeto sem a ameaça da morte iminente.

A função do traço unário na direção do tratamento

Para melhor explicitar a direção do tratamento, precisaremos ir um pouco mais longe na teoria da identificação. Em suas formulações sobre o tema, Freud notou que a identificação pode tomar como apoio um único traço da pessoa-objeto, e cita o exemplo de uma paciente que copiou por meio desse processo a tosse de seu pai. Com este exemplo, demonstra que a identificação é extremamente parcial, “altamente limitada, tomando apenas um traço [*einen einzigen Zug*] da pessoa-objeto” (1921/2011, p. 64).

Lacan (1961-2) retoma o termo encontrado no texto de Freud e propõe traduzi-lo por traço unário para designar que o que está em jogo na identificação é menos uma questão de unidade do que de unicidade. Não se trata aqui da produção de uma unidade subjetiva, mas sim da demarcação da parcialidade; de um traço que represente a diferença no todo. O unário vem para designar o *um* da conta, que vale simplesmente por ser mais um entre outros. Assim, podemos conceber o traço como a função do significante que o permite portar uma diferença pura, introduzindo o sujeito numa ordem contável. Com Lacan, é possível entender que aquele traço único [*einzigiger Zug*] destacado por Freud exerce sua função não a partir de uma diferença qualitativa, mas por lograr diferenciar-se do todo como uma marca distintiva.

Ao abordar esta função, Lacan cita uma experiência sua no Museu Saint-Germain. Conta que na sala Piette do museu encontrou uma costela de mamífero e percebeu que ela estava marcada por pequenos bastões seriados. Esses pequenos traços servem para elucidar o que está em questão na diferença significante, e Lacan identifica-os como um modo de ordenação das experiências subjetivas por meio da contagem. Supõe que os traços no osso do animal tenham sido feitos por um caçador primitivo para contar o número de vezes que conseguiu abater suas presas. Obviamente, cada caça será uma aventura distinta da outra, porém, elas assemelham-se entre si por certos traços comuns; traços do objeto desejado que são agrupados numa mesma série. Portanto, essa classificação pressupõe a inscrição do traço que demarca a repetição das experiências através de um apagamento da qualidade destas, indicando assim a atuação da função simbólica.

Tal como o caçador da estória de Lacan, M. também se interessa por contas, e por vezes escolhe jogar na sessão alguns jogos que envolvem as

quatro operações matemáticas. Após um de nossos encontros, sua mãe relata que a filha, tinha lhe dito: “Mamãe, antes moravam 6 pessoas na nossa casa, agora moram 5, não é?”. Em outro momento, M. desenha uma casa que diz ser sua. Quando pergunto quem mora nela, ela responde escrevendo: “minha mãe, meu pai, e minhas irmãs”. Digo então que alguém estava faltando, esperando que M. se contasse como moradora da casa. Para minha surpresa, entretanto, ela me responde que não falta ninguém, porque sua avó havia morrido. Curiosamente, a paciente não lembrou de contar-se, mas falou da morte da avó.

Tanto o questionamento da menina à mãe quanto a resposta que ela apresenta em análise indicam o prosseguimento do trabalho de luto, numa tentativa de representação da falta do objeto perdido através da função da conta que, como vimos, é introduzida pelo traço unário. Nota-se assim a importância deste conceito no processo de luto, tal como observou Cruglak (1996). Ao constituir em análise a função do objeto *a*, do qual suas brincadeiras representam o recobrimento imaginário, articula-se para M. a função do traço, que é o que possibilita o resgate dos vestígios perdidos.

Numa sessão mais recente, a paciente desenha uma casa com 5 janelas, e conta que nela moram cinco pessoas: ela, suas duas irmãs e seus pais. Novamente faz menção à morte de sua avó, e me conta como havia ficado triste naquela ocasião. Mais uma vez, vemos que é pela via da contagem que M. chega ao tema da perda. É enumerando os objetos de desejo – tomando-os como traços – que o sujeito pode colocar em causa a falta. Assim, pode também contar-se, assumindo um lugar no desejo que antes tinha de ser inibido.

Considerações Finais

Apresentamos neste trabalho uma discussão sobre a inibição em articulação com o processo de luto e com o conceito de identificação. A partir de uma situação clínica e da progressão do tratamento analítico foi possível explorar a relação da identificação com o trabalho de luto e demarcar a importância da função do traço unário para a elaboração da perda.

Com Freud vimos inicialmente a inibição se dá como defesa do desejo. O relato do caso de M. pode comprovar essa constatação, pois através dele

observamos que a paciente teve de refrear o movimento do desejo devido a um processo de luto não resolvido. O sujeito era tomado pela presença do objeto a sem recobrimento, fonte real de angústia diante da qual a paciente silenciava na tentativa de evitar a irrupção do desejo.

A partir daí, o trabalho de análise consistiu na constituição de recobrimentos do objeto. Não à toa M. escondia-se de mim na janela: o que estava em questão no tratamento era justamente um jogo de esconde-esconde que possibilitaria o encobrimento do objeto causa de desejo. A brincadeira de minha paciente equivale aqui ao jogo do *Fort-Da* do neto de Freud com o carretel. Para Freud (1920/2010), a brincadeira repetida por seu neto de lançar o carretel para fora de seu campo de visão e depois recuperá-lo através do puxar da linha atenuava a dor da ausência da mãe. Na interpretação que Lacan (1964/2008) faz desse jogo, ele afirma que o menino joga lança a si mesmo como objeto entre os significantes *Fort* [foi embora] e *Da* [aí]. Para Lacan, é pela perda do objeto que o sujeito constitui-se enquanto tal assumindo um lugar na linguagem, no desejo do Outro.

Podemos assim reconhecer no jogo de M. o movimento de encobrir o objeto do qual seu corpo é o suporte e, ao mesmo tempo, a busca de um lugar no desejo do Outro. Ao oferecer-se como objeto nesse jogo, M. atesta justamente o papel da análise. Trata-se, nesse caso, de resgatar traços que recuperam a função do objeto a, que agora pode atuar enquanto causa de desejo e não mais como pura fonte de angústia.

Desse modo, ao longo dos seis meses de análise, M. passou a interagir e a brincar com as crianças da sua idade, perdeu o medo de escuro e conseguiu apresentar-se cantando na igreja onde frequenta, fato que a deixou muito feliz, segundo relato de sua mãe. Assim, seja por meio da brincadeira ou da escrita, do desenho ou da conta, a cada sessão a paciente atravessa uma operação discursiva que leva ao encontro dos traços do objeto perdido, que, como já vimos, reativa o movimento do desejo. Desse modo, o processo de luto tem prosseguimento, e a inibição da paciente vai cedendo.

Referências Bibliográficas

- Cruglak, C. (1996) O Objeto *a* e a Coisa no Luto e na Melancolia. J. Sande (Trad.). In Peres, U. (Org.) *Melancolia*. São Paulo: Escuta.
- _____. (2001) *Clínica da Identificação*. A. Lopes (Trad.). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Freud, S. (2010) Além do Princípio do Prazer. In: *Obras Completas* (Vol. 14) São Paulo: Companhia das Letras. 2010. (Obra original publicada em 1920)
- _____. (2010) Luto e Melancolia. In: In P. Souza (Trad.), *Obras Completas* (Vol. 12). São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obra original publicada em 1917)
- _____. (2010) Recomendações ao médico que exerce a psicanálise. In P. Souza (Trad.), *Obras Completas* (Vol. 10). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1912)
- _____. (2011) O Eu e o Id. In P. Souza (Trad.), *Obras Completas* (Vol. 16). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1923)
- _____. (2011) Psicologia das Massas e Análise do Eu. In Souza (Trad.), *Obras Completas* (Vol. 15). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1921)
- _____. (2014) Inibição, Sintoma e Angústia. In P. Souza (Trad.), *Obras Completas* (Vol. 17). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1926)
- Lacan, J. (1961-2). *A identificação*. Seminário inédito.
- _____. (1998) Funções da Psicanálise em Criminologia. In V. Ribeiro (Trad.), *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- _____. (2008) *O Seminário livro XI: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*. M. Magno (Trad.). 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. (2005) *O Seminário livro X: A Angústia*. V. Ribeiro (Trad.). Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- Peusner, P. (2016) *Fugir para Adiante. O Desejo do Analista que não retrocede ante as crianças*. F. Zacharewicz e M. Formigoni (Trad.). São Paulo: Agente Publicações.